



# Migração haitiana: um estudo etnográfico com crianças, pais, professores em escolas públicas de Sinop MT.

Ivone Jesus Alexandre<sup>1</sup>

## Resumo

A pesquisa de doutorado em andamento “Crianças migrantes haitianas em Sinop/MT: inserção nas instituições escolares” tem como objetivo compreender como ocorre a inserção e socialização das crianças migrantes e haitianas nas instituições escolares públicas de Sinop. Objetiva também analisar como as instituições escolares recebem e percebem essas crianças; verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças/colegas, professores e gestores e como os pais das crianças haitianas veem e percebem a escola. A metodologia é qualitativa com desenho etnográfico para gerar dados através de observações livres, entrevistas e depoimentos. O recorte temporal da pesquisa é a migração de crianças que vieram com seus pais no ano de 2015 a 2016 para Sinop MT. Os dados preliminares apontam que nas escolas, as crianças haitianas têm muitas dificuldades com a língua portuguesa o que limita sua comunicação e interfere na relação com os professores, colegas, aprendizagem dos conteúdos e na internalização das regras escolares. Os professores, em sua maioria, demonstram preconceito racial de forma velada em seus discursos e em relação à origem dos alunos. Para eles o Haiti é um país pobre e miserável, em consequência os haitianos podem ser subalternos, sujeitos e “diferentes” em relação aos demais negros brasileiros. Os pais das crianças haitianas valorizam a escola e os professores dos seus filhos. Nas relações entre alunos o preconceito racial é mais perceptível na fase da Educação Infantil, na faixa etária de 5 a 6 anos. Na fase dos 12 anos é mais perceptível nas meninas do que nos meninos brasileiros.

**Palavras-chave:** Migração. Crianças. Pais. Professores

## Abstract

The doctoral research in progress “Haitian migrant children in Sinop/MT: insertion in school institutions” aims to understand how the insertion and socialization of the migrant and Haitian children occurs in the public-school institutions of Sinop. It also aims to analyze how school institutions receive and perceive these children; to verify the experiences they lived by them in relation to the other children/colleagues,

---

1 Graduada em Pedagogia pela UNEMAT, Mestre em Educação pela UFMT e cursando doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Assistente na área de Metodologia de Ensino na Universidade Estadual de Mato Grosso. Email: [jesusalexandre.ivone@gmail.com](mailto:jesusalexandre.ivone@gmail.com)



teachers and managers and how the Haitian children parents' see and perceive the school. The methodology is qualitative with ethnographic design to generate data through free observations, interviews and testimony. The temporal cut of the research is the migration of children that came with their parents in the years of 2015 to 2016 to Sinop MT. Preliminary data point that in schools, Haitian children have many difficulties with the Portuguese language, which limits their communication and interferes with the teachers, colleagues, content learning and internalization of school rules. Teachers, for the most part, show racial prejudice in a veiled way in their speeches and in relation to the origin of the students, for them Haiti is a poor and miserable country, in consequence the Haitians may be subaltern, dirty and "different" in relation to the other Brazilian blacks. Parents of Haitian children value the school and teachers of their children. In relations between students, the racial prejudice is more noticeable in the phase of Early Childhood Education, in the age group of 5 to 6 years. In the 12-year phase, it is more noticeable in girls than in Brazilian boys.

**Keywords:** Migration. Children. Parents. Teachers.

## 1. Introdução

A pesquisa em andamento "Crianças migrantes haitianas em Sinop/MT: inserção nas instituições escolares" do programa de pós-graduação em Sociologia da universidade federal de São Carlos se insere na linha de pesquisa Sociologia da Infância e tem como orientadora a professora Dra Anete Abramowicz.

Nesse texto apresento dados parciais da pesquisa que envolve a migração em Sinop, especificamente a inserção das crianças haitianas em quatro escolas públicas da cidade. O recorte temporal é a migração de crianças que vieram com seus pais no ano de 2015 a 2016.

A questão que norteia a pesquisa é saber qual o impacto que a presença e a inserção das crianças haitianas trazem para o ambiente escolar.

O objetivo da pesquisa é compreender como ocorre a inserção e socialização das crianças migrantes haitianas nas instituições escolares públicas de Sinop. Pretende também analisar como as instituições escolares recebem e percebem essas crianças; verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças/colegas, professores e gestores e como esse grupo de pais das crianças haitianas veem e percebem a escola.

Para atender o propósito da pesquisa questiono como é o processo de recepção das escolas para essas crianças que vêm de um outro país e falam outra língua? Quais as experiências que crianças haitianas vivenciam na creche e escola? Quais as experiências das crianças haitianas na escola? Como as crianças haitianas são percebidas no contexto escolar pelos colegas, professores e gestores? Como os pais das crianças haitianas veem a escola?

A pesquisa tem abordagem qualitativa através da perspectiva etnográfica onde os dados foram gerados através de observações livres, depoimentos, conversas informais e entrevistas com os alunos haitianos, com seus pais, com os professo-



res e gestores escolares.

Os dados foram registrados em diário de campo digital, onde anotamos as impressões dos sujeitos da pesquisa durante depoimentos e entrevistas. Um recurso utilizado foi o gravador e o aplicativo whatsapp para registro de conversas e anotações da pesquisa.

## 2. Discussão teórica

O texto discute sobre as crianças migrantes haitianas em Sinop/ MT do projeto de tese em desenvolvimento “Crianças migrantes haitianas em Sinop/MT: inserção nas instituições escolares”. O interesse surgiu a partir do meu encontro com uma criança haitiana em uma escola de Educação Infantil.<sup>2</sup>

Nesse sentido, fiquei instigada em saber se havia mais crianças nas escolas e se havia como estava sendo a inserção delas nas instituições escolares? A partir deste contexto, passei a buscar dados sobre crianças migrantes do Haiti e também saber sobre a existência de mais crianças em outras instituições em Sinop/ MT.

O interesse no tema não se configura somente por ser criança e migrante<sup>3</sup>, mas também por ser estrangeira e negra em um país que teve uma migração seletiva<sup>4</sup> e em uma cidade como Sinop, que foi pensada e planejada para brancos sulistas com determinado perfil racial, distante do padrão europeu, as relações raciais possivelmente são atravessadas e racializadas<sup>5</sup>.

A ideia de “racialização” ou “formação de raça” se baseia no argumento de que a raça é uma construção social e categoria não universal ou essencial da biologia. Raças não existem fora da representação. Em vez disso, elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político. O conceito de racialização refere-se aos casos em que as relações sociais entre as pessoas foram estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas (SILVERIO, TRINIDAD, 2012, p.910)

Em minha dissertação de mestrado pesquisei crianças negras, na linha de pesquisa Relações Raciais e Educação, constatei que o ambiente escolar é hostil para as crianças negras. Nesse espaço, ela enfrenta diariamente o racismo explícito e implícito, além de ouvir insultos raciais, também é vítima dos mecanismos

---

2 Portaria Nº067/2016 que dispõe sobre as denominações das unidades de Educação Infantil do Município.

3 [...] o uso do termo migrante (no lugar de imigrante) e migração (no lugar de imigração) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais (COGO E BADET, 2013, p. 12).

4 SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP. São Paulo, n.53, março/maio 2002. p. 117-149.

5 SILVERIO, Valter. Ação Afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. Cadernos de Pesquisa, nº 117, p. 219-246, 2002.



intra e extraescolar que opera dificultando sua permanência e sucesso escolar. O Insulto racial é definido como “um ato, observação ou gesto que expressa uma opinião bastante negativa de uma pessoa ou grupo [...]” (FLINN apud GUIMARÃES, 2002, p.171).

As relações raciais no Brasil são complexas e apresentam características específicas. O racismo no país se manifesta de forma obtusa, camuflada, na maioria das vezes não se explicita abertamente.

Constatei com as observações certa afetação ou mesmo cuidado ao se referir às crianças haitianas, isso em função da cor delas. Os professores não assumem ser racistas, não falam sobre a cor e não chama ninguém de preto, denomina-os de “moreninhos”.

Uma das principais características do racismo no Brasil é o preconceito de marca, definido por Nogueira (2006, p.299) como etiqueta das relações raciais.

Quanto à etiqueta: onde o preconceito é de marca, a etiqueta de relações inter-raciais põe ênfase no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado; onde é de origem, a ênfase está no controle do comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade dos elementos do grupo discriminador. Assim, no Brasil, não é de bom tom “puxar o assunto da cor”, diante de uma pessoa preta ou parda. Evita-se a referência à cor, do mesmo modo como se evitaria a referência a qualquer outro assunto capaz de ferir a susceptibilidade do interlocutor – em geral, diz-se que “em casa de enforcado, não se fala em corda”. Em contraposição, em qualquer contenda com uma pessoa de cor, a primeira ofensa que se lhe assaca é a referência a sua origem étnica.

Ao me deparar com crianças vindas do Haiti e considerando as relações raciais no Brasil, onde o racismo ocorre principalmente em função da cor<sup>6</sup> passei a pensar sobre o processo migratório de haitianos que chegam ao Brasil com seus filhos. Pessoas que vem de uma realidade diferente, de um país pobre e devastado pelo terremoto de 2010, são negros com costumes e uma língua diferente.

A língua oficial no Haiti desde 1987 é o crioulo haitiano (também conhecido como Kreyòl, em Francês). Kreyòl é falado por 100% da população, enquanto 8-10% dos haitianos consegue falar francês. Como todos os crioulos baseados em francês, Kreyòl é uma mistura de francês e das línguas africanas que os haitianos falam. (DUTRA e GAYER, 2015, s/n)

Pesquisas (GINSBERG, 1955; ROSEMBERG, 1991; CAVALLEIRO, 2000; OLIVEIRA, 2004; FAZZI, 2004; CARVALHO, 2005; ALVES E SOARES, 2002, SANTIAGO, 2014) apontam que desde a Educação Infantil, as crianças negras são

6 Cor neste trabalho tem como parâmetros as categorias de cor utilizada pelo IBGE e também dos traços fenotípicos. A classificação por cor [...] teve como critério não somente a cor da pele, mas é um conceito extensivo, que considera também a textura dos cabelos, a forma do nariz e a cor e espessura dos lábios (OLIVEIRA, 1999, p.48).



vítimas do preconceito racial nas creches e pré-escolas. Elas vivenciam diferentes tipos de discriminação racial. Para Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010, p.76), na escola “há uma mecânica racista que funciona em toda engrenagem escolar”.

A escola se funda em uma imposição de um saber, de uma racionalidade, de uma estética, de um sujeito epistêmico único, legitimado como hegemônico, como parâmetro único de medida, de conhecimento, de aprendizagem, e de formação.. A partir destes parâmetros desses parâmetros únicos de medida e da avaliação levam a classificar o outro como inferior, incivilizado, fracassado, repetente bárbaro, etc.(ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p.94)

Na escola, independente da modalidade, as relações das crianças negras são conflituosas em função da sua cor e dos seus traços fenotípicos.

Para saber sobre pesquisas com crianças e migração iniciei primeiramente pela revisão bibliográfica, pois a produção intelectual dos programas de mestrados e doutorados serviria como base teórica para a produção da tese.

Não encontrei registro de pesquisas sobre crianças migrantes haitianas em instituições educacionais no Brasil no entanto, encontrei pesquisas nas quais o Brasil é o país de origem dessas crianças migrantes, um exemplo são as crianças que vão para o Japão (NOZAKI, 2015).

Em relação a migração internacional, em que o Brasil é o país receptor, nesse caso, as crianças bolivianas, pomeranas, haitianas e crianças migrantes em geral, tanto as migrantes de segunda geração, isto é, crianças que nasceram no país receptor quanto as crianças que vieram com seus pais do país de origem, denominadas de geração 1/5<sup>7</sup> (OLIVEIRA, 2014). Os dados ainda são incipientes necessitando refinar a busca.

Os estudos enfocam a situação da criança imigrante, suas dificuldades com a língua, e, conseqüentemente com aprendizagem e aproveitamento escolar. Os dados revelam sobre as interações entre crianças migrantes e seus pares; e com professores no espaço escolar. As interações das crianças migrantes com as não migrantes são perpassadas por processos de tensões e conflitos em função da condição de estrangeiro, as dificuldades com a língua influenciam no processo de socialização.

### **3. Metodologia da pesquisa**

O conceito de infância utilizado será em uma acepção ampla, a mesma utilizada por Florestan Fernandes (2004) em sua pesquisa com crianças e seus pares em seu trabalho monográfico sobre o folclore “As trocinhas do Bom Retiro”. O termo infância neste trabalho será para designar crianças em geral.

A pesquisa pretende saber como está ocorrendo a inserção das crianças hai-

---

7 OLIVEIRA, Gabriela Camargo de. A segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo: a questão do idioma. – REMHU- Rev. Interdisciplinar Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXII, n. 42, p. 213-230, jan./jun. 2014.



tianas nas escolas em Sinop, MT. A questão que norteia a pesquisa é saber qual o impacto que a presença e a inserção das crianças haitianas trazem para o ambiente escolar. A pesquisa também tem por objetivos analisar o processo como as instituições escolares recebem e percebem essas crianças; verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças/colegas, professores e gestoras e verificar como os pais das crianças haitianas percebem a escola bem como os professores e gestores escolares.

Para atender o propósito da pesquisa questionei como é o processo de recepção das escolas para as crianças haitianas que vem de um outro país e falam outra língua? Quais as experiências que elas vivenciam nas instituições escolares? Como são percebidas no contexto escolar pelos colegas, professores, gestores? Como os pais das crianças haitianas percebem as escolas que seus filhos frequentam?

A proposta metodológica para geração e análise dos dados se configura como qualitativa:

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados (CRESWELL, 2010, p.26).

Segundo Creswell (2007b apud CRESWELL, 2010, p.37), a análise qualitativa busca através da abordagem etnográfica estudar “[...] durante um período de tempo prolongado, coletando principalmente dados observacionais e de entrevistas”

Para coletar os dados fiz observações livres, entrevistas e conversas informais com os alunos haitianos, pais, professores e gestores.

As observações livres permitiram aproximar das vivências das crianças haitianas nas escolas. Para Corsaro (1985 apud CORSARO, 2005), ser aceito no mundo da criança é um desafio por causa das diferenças etárias, formas de maturidade da comunicação e da cognição. A partir do levantamento do número de crianças haitianas existentes nas escolas de Sinop contatamos as secretarias de educação e assessorias para a autorização da pesquisa. Através das escolas me aproximei dos pais desses alunos para pedir autorização das entrevistas, “[...] a entrevista é considerada uma interação, uma troca de ideias, uma troca de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas” (BAUER e GASKAEL, 2003, apud PINTO, 2015, p.73).

Essas entrevistas foram gravadas e estão sendo transcritas. O uso do gravador é indicado quando o estudo envolve entrevistas extensas ou quando a entrevista é uma das técnicas principais do estudo (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Nessa pesquisa também faço uso de aplicativos whatsapp, pois é uma ferramenta muito utilizada pelas pessoas para se comunicarem, passar informação e estabelecer diálogos. Sobre o uso da tecnologia para diferentes fins, e em nosso caso levantamento de dados, verifiquei “[...] os avanços dos meios de comunica-



ção acabam por criar novas formas de agir e interagir e também faz nascer novos tipos de relacionamentos sociais e a internet passa a produzir essa nova dinâmica social” ( GUIMARAES, 2017, p.80).

## Resultados preliminares

A migração internacional é hoje uma realidade em diferentes estados do Brasil, portanto, pensar políticas educacionais que inserem as crianças vindas de um outro país nas escolas é fundamental.

É um desafio para as instituições educacionais que as recebem pensar propostas pedagógicas que respeitam a origem, as diferenças culturais e religiosas dos haitianos que aqui chegam.

Os dados parciais mostram que as crianças haitianas têm muitas dificuldades em relação à língua portuguesa e isso prejudica a comunicação com os professores e colegas, pois os mesmos não compreendem as regras escolares, que ainda são rígidas em nossas escolas, isso faz com que os mesmos sejam punidos não por indisciplina para por transgredir as regras, por exemplo, não saber pedir para ir ao banheiro.

As crianças haitianas, na escola, sofrem preconceito racial e isso se difere de uma sala para a outra. Na sala da Educação infantil, na faixa etária dos 5 anos, o preconceito é mais explícito. As crianças se negam a sentar perto, abraçar, tocar e brincar com as crianças haitianas, não porque sejam migrantes, mas porque são de pele negra e cabelos afros. No Ensino Fundamental esse preconceito racial é mais velado, se negam a fazer trabalho em grupo e a sentar-se perto dos meninos haitianos, isso ficou visível no comportamento das meninas.

Em relação a serem crianças migrantes, os colegas gostam de brincar com os meninos haitianos em relação aos significados das coisas no Brasil e com as diferenças da língua.

Nos professores e gestores observei um preconceito racial velado em função da cor e da origem dos haitianos, no discurso dos mesmos ficou evidente um imaginário do Haiti como um país pobre e miserável.

Em relação aos pais, os discursos dos professores faziam referência a serem pobres, subalternos e no caso específico das mães haitianas, não serem capazes para o serviço doméstico e serem submissas aos maridos e atrasadas cognitivamente.

## Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete; Oliveira, Fabiana de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação. Revista do Centro de Educação**, vol. 35, no. 1, janeiro-abril, 2010, pp. 39-52.

ABRAMOWICZ, A; OLIVEIRA, F. de; RODRIGUES, T. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



ABRAMOWICZ, A. RODRIGUES, Tatiane Cosentino, CRUZ, Ana C.J. A diferença e a diversidade na educação. **Revista Contemporânea**. Dossiê Relações raciais e Ação Afirmativa. No. 02, jul-dez, 2011, p.85-97.

ALVES, Maria T. Gonzaga. SOARES, José Francisco. **Raça e Desempenho Escolar as evidências do Sistema de Avaliação da Educação Básica**. Trabalho submetido ao XXVI-Encontro Anual as ANPOCS, Caxambú, 2002.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação** - Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Álvares et alii. Ed. Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Marília. **Quem é negro, quem é branco: Desempenho escolar e classificação racial de alunos**. In. Anped, jan/fev/mar/abr, 2005, nº28, p.77-97.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio escolar ao silêncio do lar-Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bella-terra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, no. 91, Maio/Ago, 2005, p. 443-464.

DEMARTINI, Zélia de Brito F. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. **Pro-Posições**, v. 15, n. 3 (45) - set./dez., 2004, p. 215-228.

\_\_\_\_\_. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. **Cadernos Ceru**, v. 21, n. 2, 03, 2011, p.49- 75.

DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Suely Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea**. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FLORESTAN, Fernandes. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. In **Pro-Posições**. V. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004, p.229-250.

FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educa-**





**ção infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões.** Cad. Pesqui. [online]. 2015, vol.45, no.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso: 29/03/2016.

GINSBERG, Anieta M. Pesquisas sobre as atitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor. In Roger Bastide e Florestan Fernandes (orgs.) **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo, Anhembi: 1955.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. Democracia Racial: O ideal, o pacto, o mito. In. OLIVEIRA, Iolanda (org.) **Cadernos de Pesquisas: Relações raciais e educação - Temas contemporâneos**. –Niterói: EdUFF, 2002.

GUIMARÃES, M.; MOROSOV, K.; BORGES, R. C. S. “Prá que engolir rejeitados do Haiti?” O lugar de onde falo! **Revista ABPN. Dossiê Questões Étnico-Raciais e Linguagens**. Vol. 7, No. 17, 2015. p. 143-162. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/581/449> Acesso em: 19/12/2016

GUIMARÃES, Maristela Abadia. **O “eu” confronta o “outro”: o que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e Redes sociais digitais**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. CUIABÁ, MT, 2017.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol. 19, no. 1. 2006, p. 287-308.

NOZAKI, Izume. **Escolarização de crianças brasileiras migrantes no Japão: política de inserção escolar e currículo**, Revista Educação Pública. Cuiabá, v. 24, n. 56, maio/ago, 2015, p. 379-403.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras. **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 9, no. 2, 2015, p. 413-440.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

PINTO, Mariele Schuck. **Os deslocamentos forçados dos haitianos e suas implicações: um desafio global na sociedade de risco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós Graduação em Ciências sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e educação inicial. **Cadernos de pesquisa**, n. 77, mai. 1991, p. 25-34.



---

SANTIAGO, Flávio. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. 2015. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, vol.33, no.1 (64), 2015, p.31-47.

SILVERIO, Valter, TRINIDAD, Cristina T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? **REduc. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 04/07/2017.

---

Recebido: 11 jul., 2017.

Aceito: 24 jul., 2017.